

CRISE

Infecção ainda ameaça bebês em Roraima

Reformas no Hospital-Materno interrompem mortes em série, mas não eliminam falta de higiene

MOISÉS RABINOVICI

Enviado especial

BOA VISTA — A índia macuxi Cláudia está com o filho de cinco dias livre do berçário da morte. Banhado por uma luz azulada, com 52 centímetros e 2,5 quilos, ele vai ganhando coloração para se livrar também do Hospital-Materno Infantil Nossa Senhora de Nazaré. Mesmo na penumbra dá para perceber que a mãe sorri, na cama ao lado do berço, com o olho fixo nos olhos do filho sem nome, tapados por uma compressa.

A leva de bebês mortos por infecção hospitalar foi estancada. Mas 7, de 23 recém-nascidos, ainda lutam pela vida, em 2 berçários improvisados. Os outros estão vencendo a malária, a prematuridade, os problemas respiratórios e a icterícia. Dois dividem a mesma incubadora.

O hospital está sendo recomposto, dedetizado, desinfetado e reformado. Mas entre as baratas, muitas sobreviveram. E nem todos os lençóis com sangue podem ser ainda imediatamente trocados. Um trator acabou com a fossa que exalava o cheiro de morte. Operários consertam a tubulação de esgoto. Com a terra removida surgem, seringas usadas e luvas cirúrgicas. As saúvas penetram por toda parte. Cruzam até as telas de computador.

Falta de energia —

Ventiladores no teto pararam com mais um rotineiro corte de energia, racionalizada desde que duas turbinas termoelétricas foram enviadas para conserto no Sul. Uma voltou no fim de semana, num avião da FAB. As mulheres ficam se abanando. As que voltaram de cesariana, gemem. As que esperam mais contrações para o parto, sofrem. As que já são mães querem partir antes que os

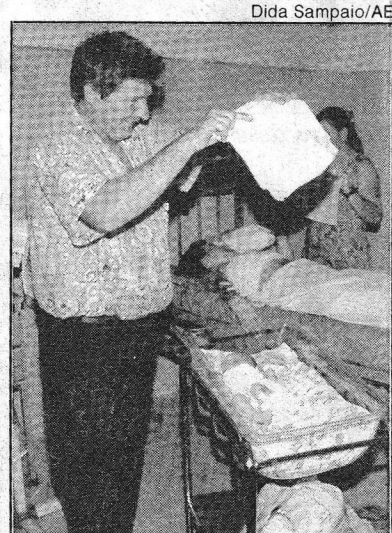
CRIANÇA
TERIA SIDO
DEGOLADA
NO PARTO

Uma paciente pergunta pela doutora Sílvia Távora, na recepção. "Não trabalha mais aqui", responde uma funcionária, sem dar alternativa.

A nova diretora, a ginecologista-obstetra Francinéia Moura, recebeu a missão como "castigo". Para ela, as

filhos sejam contagiados. O medo une todas. Uma das mães procura repórteres fora da maternidade para mostrar "um crime": o antibiótico dado a seu filho está vencido. Mas quando o mostra, constata que foi engano.

Em todas as partes estratégicas e sensíveis do Hospital-Materno surgiram cartazes: "É obrigatório lavar as mãos." Não era a praxe, antes da morte de mais de 30 bebês. As médicas do PMDB sumiram.



Pai abana bebê: sem ventilação

providências, agora, têm a direção certa, mas restará muito por fazer. O trabalho com as gestantes nem começou. Elas chegam sem pré-natal à

maternidade. Muitas trazem o filho parido no mato, já muito doente. Só nesta semana foram admitidos dois indiozinhos em coma.

Nas enfermarias, deitadas nos leitos seminuas, o calor sufocante, as mães passam o dia e a noite envoltas em histórias macabras. A best seller é a do médico que degolou um nenê para salvar a mãe de um parto normal que teria de ser cesariana.

São muitas as crianças que tiveram crianças. Não fazem idéia da ameaça de morte que ainda paira no ar. Reclamam da comida, não da higiene. Não sabem do futuro, além da porta do hospital. Pais só entram com permissão. Alguns ficam na rua, prometendo seqüestrar a mulher e o filho. A imprensa mantém-se de plantão. Alguns poucos repórteres contraíram "febre marrom", a cor do sensacionalismo, e não a amarela mais comum em Roraima. Esperam a morte. Mais uma. E outra. E outra.



Restos de comida nos corredores sem luz e sem médicos do Hospital-Materno Infantil: tudo por ser feito

Dida Sampaio/AE

Dida Sampaio/AE